

## Campos faz balanço da economia

Londres — O Embaixador Roberto Campos, em almoço na Câmara Brasileira do Comércio, fez um balanço da economia brasileira comparando-a com o clima na Inglaterra: "Tempo variável, com intervalos bons; previsão razoável, considerando-se a conjuntura mundial de sinistrose econômica e violência política. No campo econômico, continuamos enfrentando a intemperie da inflação e déficit de pagamentos, mas há um novo sentido de realismo para enfrentar inevitáveis ajustes".

Começando pela área política, o Embaixador acentuou o progresso já alcançado no processo de descompressão: a anistia para os exilados, liberdade de informação, ampliação do voto popular para todos os níveis de Governo — excetuando-se as eleições presidenciais que se processam através do Parlamento — e implantação de um sistema pluripartidário.

"Nesta delicada tarefa de descompressão, logrou-se evitar o revanchismo dos que queriam o simples retorno ao populismo e o imobilismo dos que recusam mudanças. Não houve, também, colapso da disciplina social, sob o peso de reivindicações reprimidas, nem a fragmentação de minipartidos políticos, condenando o Governo a coalizões instáveis", disse Campos.

Ele também destacou que "um segundo aspecto positivo é a política econômica mais realista adotada em fins de 1980. Por mais de um ano, o Brasil havia feito um ensaio de administração da oferta, na esperança de, através de uma expansão monetária direcionada principalmente para a agricultura, obter uma reação da oferta suficientemente rápida para abater o empuxo inflacionário. Ao mesmo tempo, procurava-se, pela fixação de tetos para a correção monetária e cambial e controle de preços e juros, conter e inverter expectativas inflacionárias. Curiosamente, sob várias modalidades, a administração da oferta tornou-se um novo modismo econômico. Assim, em condições bem mais favoráveis que a do Brasil, Reagan busca reativar a economia americana através de incentivos ao setor privado, enquanto Mitterrand, na França, busca o mesmo objetivo pela expansão do setor público".

Segundo Campos, "fomos suficientemente realistas para reconhecer, em dezembro de 1980, que os fatores adversos, como a alta do petróleo, o reajustamento de preços subsidiados e o desestímulo à

poupança anulavam o esperado efeito favorável sobre as expectativas, aconselhando uma retificação de rumos. Esta foi oportuna e corajosamente feita".

Continuou, declarando que "o novo realismo econômico abrangeu um elenco de medidas que visam a deixar mais desembaraçadas as forças de mercado: liberação de juros, mini desvalorizações cambiais mais frequentes, correção monetária mais próxima dos índices reais de inflação, a fim de reativar a poupança. E sobretudo um esforço de desaquecimento da economia, por uma política monetária austera e severa restrição dos orçamentos públicos". "Ainda que os efeitos sejam demorados — a experiência brasileira revela uma defasagem histórica de quase um ano entre o arrocho monetário e o afrouxamento dos preços — já há visível desaquecimento da procura, principalmente na indústria de bens duráveis de consumo. Os únicos setores que continuam recebendo estímulos expansivos são a agricultura, as exportações e os substitutos energéticos. A taxa de crescimento foi embarçosamente elevada em 1980 (8,2%), mas poderá declinar este ano para cerca de 5%, em vista do desaquecimento industrial. As perspectivas da balança comercial são de equilíbrio. Se bem que a meta de exportações, 26 bilhões de dólares, possa ser prejudicada pela fraqueza dos preços de produtos primários. Em compensação, as exportações industriais têm crescido bastante e as importações têm sido menores que o previsto, graças à menor demanda industrial de insumos e à economia nas despesas de petróleo", assinalou o Embaixador.

"O mercado financeiro internacional reagiu favoravelmente à nova política econômica. Da meta de 14 bilhões de dólares de empréstimos financeiros necessários para a cobertura do déficit em conta corrente, já havíamos levantado 8,4 bilhões de dólares até maio, graças em parte à atividade de bancos privados e à maior flexibilidade do Banco Central na negociação de margens sobre a taxa interbancária. A dívida externa líquida poderá alcançar 53 bilhões de dólares até o fim do ano, e o endividamento bruto cerca de 60 bilhões, caso as reservas se mantenham no nível atual."

— O importante, entretanto — disse Roberto Campos — é que o endividamento líquido do Brasil apresenta uma tendência cadente em termos reais, isto é, seu aumento não tem acompanhado o da inflação mundial.